

Da antigüidade da arte real

Se você acessar a Internet através de um *site* de busca internacional, e pesquisar a palavra *masonry*, ou *maçonarie*, verá com surpresa uma longa lista de diferentes métodos de construção civil. Entre os inúmeros títulos, aparecerá também “*Free Masonry*”, e aqui então, serão encontrados os dados das Grandes Lojas norte americanas, Grandes Lojas e Grandes Orientes da Europa, onde, em alguns casos, é possível visitar o interior de suntuosos templos, construídos em diferentes e ricos estilos arquitetônicos, bem como poderá obter informações sobre a Potência, sua história, e informações sobre a Instituição Maçônica.

Em muitas obras sobre maçonaria aparece uma interpretação histórica equivocada provavelmente originada dessa **dificuldade semântica**.

Assim, a **maçonaria milenar** citada por muitos autores só é uma verdade histórica se a referência for a arte de construir, sobre a qual não é possível estabelecer uma época precisa para seu início como atividade humana, sendo encontrada com técnicas e estilos diferentes entre todos os povos conhecidos.

Aula 1

Objetivos:

- Identificar os diferentes significados da palavra “Maçonaria”;
- Traçar a possível origem da Instituição a partir da cultura medieval.

A palavra inglesa *masonry* (em francês *maçonerie*) refere-se tanto à arte do construtor quanto à instituição moderna que chamamos pelo mesmo nome.

Apenas dentro deste significado restrito podemos dizer que egípcios, chineses, indianos, persas, gregos, romanos, incas, maias, astecas etc. praticavam a maçonaria, tendo excelentes mestres maçons, pois suas construções atravessaram eras e mostram aos nossos olhos evidências de técnicas e conhecimentos insuspeitos. Contudo, não existem dados históricos que permitam admitir-se a existência de qualquer organização, mesmo operativa, atuando continuamente através dos tempos passando de uma civilização para outra.

Certamente as técnicas de construção desenvolvidas em alguns locais, apesar do sigilo em que eram mantidas, acabavam sendo copiadas pelos arquitetos, engenheiros e mestres de obras (mestres maçons) das regiões vizinhas.

Também a razão nos leva a considerar a necessidade de uma organização complexa para manter em andamento construções de grandes proporções como pirâmides, templos e palácios. É certo que em cada local onde estas admiráveis construções foram erigidas, as centenas e, às vezes, milhares de trabalhadores impunham uma organização, direção

e supervisão, para que a obra pudesse ser desenvolvida com sucesso. Entretanto, todas as organizações que eram criadas e muitas vezes dissolvidas ao término da obra tinham finalidade eminentemente prática eram grupos de obreiros envolvidos numa edificação, no desenvolvimento de um projeto arquitetônico, não constituindo qualquer aspecto, ainda que embrionário, do que veio a ser a chamada Franco-maçonaria.



A arqueologia nos dá notícias da arte de construir, já com requintes e técnicas apuradas desde épocas remotas: um grupo de arqueólogos trabalhando na Anatólia, sul da Turquia, no início da década de sessenta, desenterrou as ruínas da mais antiga cidade até então conhecida no mundo. (As Grandes Civilizações Desaparecidas, Edição de Seleções do Reader's Digest- Lisboa 1981.)

Na localidade de Çatal Hüyük, a escavação de uma colina revelou restos de alicerces, paredes e muros de um complexo de casas geminadas cuja datação indicou o período entre 7200 a.C. e 6300 a.C. Podemos fazer uma idéia do que isso significa se lembrarmos

que o início da história egípcia como uma única nação data de cerca de 3200 a.C.

Esta enorme antiguidade ultrapassa em mais de três mil anos a data que, à época de Anderson, acreditava-se como sendo a da criação do mundo¹ e que foi tomada como a origem do calendário maçônico.

A arquitetura entre os vários povos

Desde cerca de 3500 a.C., na mesopotâmia, homens criaram civilizações, erigindo templos e palácios, muitos dos quais, ao surgirem à luz deixavam entrever o apurado senso arquitetônico e técnico alcançado por seus construtores.

Assim também a civilização persa, o mundo greco-romano, as civilizações da **Birmânia, Tailândia, Índia, China e Américas** nos deixaram registros claros da incrível capacidade criadora no desenvolvimento dos diferentes

estilos e técnicas arquitetônicas de cada povo ou nação.

Os construtores do passado cultivavam uma mentalidade mais geométrica do que matemática, em relação às medidas executadas.

Estavam mais interessados nas relações entre as medidas e suas proporções do que na expressão numérica do valor medido. Assim, o método utilizado para o traçado das plantas das edificações iniciava-se com um desenho gerador simples; um círculo, triângulo ou quadrado a partir do qual, apoiando-se o compasso em pontos determinados, traçavam-se as linhas e obtinham-se as proporções e dimensões da estrutura a ser edificada.

Os **egípcios** e gregos utilizavam na construção de seus templos proporções geométricas relacionadas com os retângulos em que um dos lados tinha como medida a unidade, e outro tinha o valor das raízes quadrada² de 2, 3 e 5, segundo a figura 1 a seguir.

Egípcios: São por demais conhecidos de todos os feitos da arquitetura egípcia, que até hoje maravilha a todos com suas pirâmides, templos e esculturas que dificilmente poderiam ser hoje imitados, apesar de toda a tecnologia atualmente disponível.

A figura 1 é formada traçando-se primeiramente um quadrado de lado um. A seguir toma-se a sua diagonal, e com o centro do compasso no canto inferior esquerdo, transfere-se a medida $\sqrt{2}$ para a linha da base, traçando-se uma perpendicular a partir do ponto obtido, formando assim um retângulo. Repetindo-se o processo, obtemos os retângulos com lados $\sqrt{3}$ e $\sqrt{5}$.

Uma outra proporção muito utilizada na antiguidade, especialmente entre os gregos, era a chamada **seção dourada**. Ela surge sempre que a relação entre duas medidas é tal que a razão entre a maior e a menor for igual à sua soma e a maior. Ela pode ser obtida facilmente através da geometria:

Traça-se um quadrado duplo e divide-se o primeiro ao meio; toma-se a diagonal da segunda metade e transfere-se sua medida para a linha da base. O ponto obtido nesta linha está a 1,618 unidades da origem da mesma, e este é o valor da seção dourada como visto na figura 2.

Seu uso, comum entre os gregos, esteve também presente durante o Renascimento Italiano, e até em nossa época o arquiteto francês Le Corbusier fez uso desta proporção em uma de suas obras.

Um dos arquitetos de maior renome na antiguidade, cuja obra forneceu as bases para a renovação arquitetônica renascentista, foi Marcus Vitruvius Pollo.³

Vitrúvio, como ficou conhecido, foi arquiteto, engenheiro e filósofo.

! A ele se deve a organização das conhecidas ordens de arquitetura: toscana, jônica, dórica, coríntia e compósita. Sua obra, conhecida como Dez Livros de Arquitetura, era reverenciada e seguida em todo o Império Romano, e cerca de mil anos mais tarde serviu como fonte de estudos para inúmeros arquitetos italianos da renascença que, através de suas obras, reencontraram os valores estéticos há muito perdidos no desaparecido mundo greco-romano.

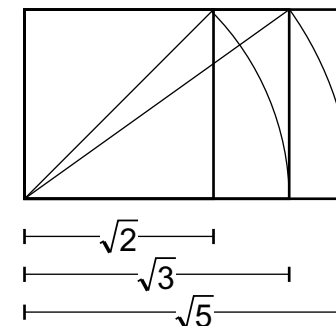


Figura 1 Proporções geométricas utilizadas pelos egípcios e gregos

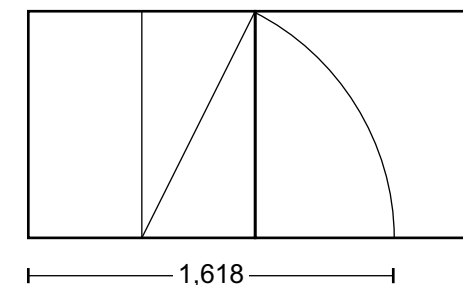


Figura 2 A Seção Dourada

Para Vitruvius tanto o universo quanto o ser humano haviam sido criados segundo princípios correlacionados. A representação do corpo de um homem em conjunção com a planta de um edifício, comum nas catedrais medievais, ficou conhecida como o *Homem Vitruviano*. Deve-se ao grande arquiteto romano não apenas o planejamento de templos e edifícios públicos, mas também a planta completa de uma cidade ideal, rigorosamente geométrica.



Comentando as conotações místicas atribuídas por Vitruvius às proporções ideais dos edifícios, nos diz **Macnulty**:

Não há dúvida que o pensamento encarnado por Vitruvius teve uma profunda influência sobre a prática arquitetônica da antiga Roma, assim como na do renascimento, todavia, seria insensatez sugerir que os eficientes canteiros que construíram as cidades do império romano fossem todos sérios estudantes dos antigos mistérios. O mais

provável é que alguns dos membros mais cultos do Collegium Fabrorum (a escola romana que designa as atividades de construção) se preocupassem com considerações filosóficas tidas como parte integrante do contexto de sua ocupação, assim como o negócio prático da construção.

Conta-se que Pitágoras foi o primeiro a descobrir que cordas distendidas cujos comprimentos estejam entre si como uma série matemática harmônica, quando tangidas produzem um acorde agradável ao ouvido, *harmônico*.



Cordas com comprimentos expressos pelas razões 3: 4: 5 produzem o acorde harmônico mais simples.

Assim, era possível traçar um paralelo entre os acordes harmônicos e as proporções geométricas de um edifício. De acordo com as antigas práticas, cada construção deveria ter as proporções correspondentes ao fim a que se destinava: templo, palácio, quartel etc. Quando um arquiteto não iniciado nestes

MACNULTY, W.K. **Maçonaria**, Edições Del Prado, 1996.

conhecimentos construía, por exemplo, um templo cujas proporções seguissem apenas o senso estético do construtor, produziria com sua construção um efeito “dissonante” aos olhos de um iniciado. Considerava-se que, se as proporções não produzissem o acorde cósmico correspondente à finalidade da construção, por certo produziriam efeitos desastrosos nas reuniões realizadas em seu interior.

Louis Charpentier comenta que as construções de pedra tinham a capacidade de, pela geometria de sua construção, armazenar e amplificar ondas telúricas, produzindo uma concentração de energias positivas emanadas da terra. Esta seria a razão das proporções minuciosas das catedrais medievais. Diz também que os **benedictinos** haviam descoberto um método de intensificar essas energias terrestres através do som, com canto gregoriano, que harmonizado à geometria do edifício produziria níveis de consciência mais elevados.

Vemos assim que a “Maçonaria milenar” não é a Ordem maçônica como nós a conhecemos, ou qualquer organização embrionária a

ela assemelhada, mas simplesmente, a arte de construir; a milenar arquitetura.

Veja o que Anderson os ensina, na introdução, de sua famosa **obra**:



“Adão, nosso primeiro pai criado a imagem de Deus, o Grande Arquiteto do Universo, deve ter tido as ciências liberais, particularmente a geometria escrita em seu coração..” (ANDERSON, James, As Constituições dos Franco Maçons,

de 1723. A Fraternidade, São Paulo, 1982, p.1)

E segue daí, citando a instrução de Adão a seus filhos, passando pelas antigas civilizações, dando a entender a existência contínua de uma ordem maçônica universal desde os tempos mais remotos da história. Outros autores seguiram-se a Anderson, ampliando e aprofundando suas afirmações, citando-se mutuamente, a ponto de, pela repetição em diferentes fontes, as fantasias acabarem assumindo para alguns leitores aspecto de verda-

Louis Charpentier, citado por Nigel Pennick - PENNICK, Nigel, op. cit., pp.68-73.

de. Mesmo o texto de Anderson, as famosas Constituições refere-se aos costumes dos construtores operativos. Sua “história” da maçonaria nada mais é que um relato imaginativo do desenvolvimento da arte de construir através de diferentes povos e épocas.

Quando ele fala em **maçom**, refere-se ao construtor operativo, ou aceito, mas seu conceito nada tem em comum com aquele hoje atribuído a essa palavra, como atesta a simples leitura de sua obra:

*“...E porque se acredita racionalmente que o glorioso Augusto tornou-se o Grão Mestre da Loja de Roma, pois além de patrocinar Vitruvius, contribuiu bastante para o bem-estar dos companheiros, como o testemunham os numerosos monumentos construídos em seu reinado, **cujas ruínas se tornaram o Modelo e Padrão da verdadeira maçonaria em todos os tempos futuros**, pois são verdadeiramente o epítome da arquitetura asiática, egípcia, grega e siciliana, que designamos comumente sob o nome de estilo de Augusto, e que não fazemos agora senão tentar imitar, sem que tenhamos atingido sua perfeição.” (ANDERSON, 1982, pp.25, 26)*

Observe-se que para Anderson, a **verdadeira maçonaria**, referencial para todas as épocas futuras, resumia-se em um estilo arquitetônico. Mais adiante ele acrescenta outras informações à respeito do que entendia por **maçom**:

“Não se deve esquecer que os pintores, assim como os escultores, foram sempre considerados bons maçons, como o foram os construtores, os talhadores de pedra, os pedreiros, os carpinteiros, os marceneiros, os tapeceiros ou fabricantes de tendas, da mesma forma que um grande número de outros artesãos que se poderia indicar, e que trabalhavam segundo a geometria e as regras da construção.” (ANDERSON, 1982, p.25, 26)

Ao comentar as obrigações e leis examinadas pelas autoridades à época do rei Henrique VI, ele cita um manuscrito antigo, onde existe referência ao tipo de instrução dado aos aprendizes:

“Em outro manuscrito mais antigo, lemos: Que quando o Mestre e os vigilantes se reúnem em loja, se for necessário, o Xerife do condado, ou o Prefeito da cidade, ou o Almotacel da vila, na qual se realize a assembléia, deverá ser feito companheiro e associado ao Mestre, para assis-

ti-lo contra os rebeldes, e para salvaguardar os Direitos do Reino.” (ANDERSON, 1982, p.34.).

“Que quando os aprendizes são feitos, eles serão recomendados para não serem ladrões, nem receptadores, para trabalharem honestamente pelo salário, amar seus companheiros como a si próprios, e serem fiéis ao Rei da Inglaterra, ao Reino e à Loja.” (ANDERSON, 1982, p.34.).

Concluindo a parte “histórica” de seu texto, Anderson novamente deixa claro que toda sua exposição até então tem por objetivo enaltecer a arte de construir, não a instituição hoje conhecida pelo mesmo nome:

“Em resumo, numerosos e grossos volumes seriam necessários para conter os múltiplos e esplêndidos exemplos da potente influência da arte de construir desde a criação, em cada época, e em todas as nações, que poderiam ser coligidos nas narrações de historiadores e dos viajantes: mais particularmente naquelas partes do mundo onde os europeus mantém re-

lações e fazem o comércio, de tais ruínas antigas, espaçosas, curiosas e magníficas colunatas que foram descobertas pelos pesquisadores, que não podem deplorar o suficiente as destruições gerais dos godos e dos muçulmanos; devemos concluir, que nenhuma arte jamais recebeu tanto incentivo como esta; pois verdadeiramente nenhuma é tão geralmente útil à humanidade.” (ANDERSON, 1982, pp. 44-46.)

O autor Anderson, orgulhosamente, apresenta longa lista de edifícios públicos e particulares erigidos **“Depois do renascimento da maçonaria romana na Grã-Bretanha”**.

A introdução de elementos não-vinculados ao ofício, os “aceitos”, foi gradativamente alterando hábitos, acrescentando interpretações, trazendo novos símbolos, numa gestação que traria à luz a nova maçonaria, chamada especulativa, na qual cada maçom empenha-se em construir a si mesmo e, em assim fazendo, como pedra polida, bem esquadrada, insere-se positivamente no edifício social humano.

Assim, podemos dizer que:

Os construtores do passado foram maçons, do mesmo modo que dizemos que todos os homens que trabalham em embarcações no mar são marinheiros, ou de que todos aqueles que se dedicam à pesca são pescadores, não decorrendo daí a existência de qualquer organização comum a todos eles, uma marinha, que tenha transmitido instruções continuamente de uma nação para outra.

É evidente que, pela identidade de profissão, esses marujos têm em comum, mesmo em diferentes partes do mundo, comportamentos, técnicas, e até instrumentos idênticos.

Raízes na cultura medieval

Alguns autores sugerem ter a maçonaria penetrado na Bretanha através das legiões romanas invasoras da Inglaterra e, mantida oculta, afloraria nas corporações de construtores medievais.



Sabe-se que os exércitos do Império Romano se faziam acompanhar por um grupo de construtores. No processo de assédio e tomada de uma cidade, muralhas eram derrubadas e edificações destruídas. Cabia aos construtores a função de restaurar os edifícios necessários para o funcionamento da nova administração, agora sob a pax romana. Costuma-se citar Numa Pompílio como sendo o criador dessa corporação de construtores, que constitui uma das alegadas origens da maçonaria.

Esses autores parecem ignorar que as invasões saxônicas promoveram uma destruição geral das construções romanas, com o extermínio de grande parte da população e a erradicação da arte de construir. Um testemunho disso é o fato de, nos cerca de 200 anos que se seguiram, as construções serem executadas em madeira e palha (até cerca do ano 700).⁴

Antigas tradições relatam também que após a queda de Roma, membros do *collégium*

fabrorum remanescentes procuraram refúgio numa ilha situada no lago de Cuomo, no norte da Itália. Dali teriam levado sua arte para outras partes da Europa, tornando-se conhecidos como **mestres comacinos**⁵.

A Europa medieval era composta por uma amálgama de povos constituídos pelas chamadas **Tribos bárbaras** associadas aos remanescentes do antigo Império Romano. Costuma-se datar a queda de Roma do ano 476 d.C., com a tomada do poder imperial pelo germânico Odoacro. Entretanto, o esfacelamento da civilização romana foi um processo em curso por todo o século v, durante o qual os limites europeus do império começaram a ser ultrapassados em invasões sucessivas de vândalos, alamanos, suevos, e muitos outros.⁶

Esses povos, herdeiros da herança romana, não possuíam acervo cultural que lhes permitisse reconstruir e restabelecer a civilização que destruíram no processo de conquista.

Houve, assim, uma abrupta queda no processo civilizatório, a qual se refletiu em todas as manifestações humanas, tais como: manufatura de instrumentos, jóias, processos artesanais, e nas artes. As técnicas de construção foram perdidas, sendo até a maneira adequada de talhar a pedra deixada no esquecimento, de modo que também no continente europeu, por um longo período, multiplicaram-se as construções de madeira, mesmo para edifícios públicos e igrejas.

Assim, o cristianismo, alçado à condição de religião do Estado em 381 d.C. pelo imperador Teodósio, gradativamente se expandiu, firmando-se entre os múltiplos e cambiantes reinos que se formavam.

Aqueles povos, originalmente com suas próprias concepções religiosas, convertiam-se ao cristianismo num processo em grande parte dos casos compulsório, acompanhando a conversão de seu chefe, líder político ou rei. Por esta razão, não tendo alterado suas convicções, mantinham muitos de seus antigos **costumes e crenças**.

Mestres Comacinos: Esses mestres foram arquitetos de renome em sua época, mas nada indica que tenham qualquer ligação direta com a maçonaria.

Costumes e crenças. Os quais num processo sincrético acabaram por ser, em muitos casos, incorporados pela Igreja, com a inclusão de suas festas religiosas no calendário eclesiástico, e seus deuses, com nomes trocados, alçados ao panteão dos Santos Católicos.



A data do nascimento de Jesus, até o século IV celebrada no dia 6 de janeiro, passou a ser comemorada no dia 25 de dezembro, festa do Natalis Solis Invictus, o nascimento do sol, correspondendo ao solstício de inverno, dia a partir do qual os períodos de insolação vão aumentando e o sol “cresce em força e vigor.” Esta data, amplamente comemorada, fazia parte do culto do Sol Invictus, mesclada com o mitraísmo, e era adotado pelo imperador Constantino, que em 321 d.C. já havia decretado como dia de repouso o “venerável dia do sol”, coincidindo com o domingo cristão.

BAIGENT, M., LEIGH, R., LINCOLN, H. O Santo Graal e a Linhagem Sagrada. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993

Com o apoio dos soberanos francos iniciando com Clóvis (ou Meroveu), fundador da dinastia merovíngia, convertido ao cristianismo, a igreja progride em seu trabalho de evangelização dos bárbaros.

Em sua expansão o catolicismo conquistava não somente as almas dos europeus, mas também se estabelecia firmemente como poder temporal, possuindo domínio sobre grandes áreas de terra, com seus bispos e cardeais tendo influência permanente junto a nobres, senhores feudais e reis.

Outras dinastias continuaram apoiando a Igreja, e o famoso Carlos Magno, coroado em 880 d.C. pelo papa Leão III Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, era considerado o eleito de Deus na terra. Carolus Magnus, como era chamado em latim, construiu sua capital em Aachen, na atual Alemanha, para onde atraiu artesãos e sábios de toda a Europa. Foi nos mosteiros patrocinados por ele onde se desenvolveu a representação das letras minúsculas do alfabeto, chamadas minúsculas carolíngias.⁴

Na mesma época foi criado o estilo de canto litúrgico chamado **gregoriano**. Em sua corte estudavam-se latim, grego, matemática e astronomia; e sob sua orientação igrejas e mosteiros abriam escolas em suas dependências. Toda

essa efervescência cultural foi chamada pelos historiadores de “Renascimento Carolíngio”.

No ano de 910 Guilherme, o Pio, Duque de Aquitânia, fundou na França o convento de Cluny,⁵ dentro das normas beneditinas, constituindo um marco de referência para outras sociedades monásticas e um impulso renovador na vida intelectual, com a criação de escolas e o desenvolvimento das artes.

Durante o período medieval os mosteiros foram os centros onde a arte, literatura, filosofia e ciência ainda eram cultivadas, ainda que precariamente. O analfabetismo era generalizado tanto nas classes servis quanto nas senhoriais e apenas os monges, no seu afã de copiar as escrituras sagradas e os textos dos filósofos antigos aceitos pela igreja, mantinham acesa a luz do trabalho intelectual durante aquele período de quase mil anos, da queda do Império Romano à renascença do século xv.

A limitação intelectual trazida pelo isolamento das comunidades feudais torna-se visível nas ilustrações bíblicas produzidas nos mos-

teiros, onde egípcios e hebreus são representados com trajés europeus da época e nação do artista, o mesmo ocorrendo com as cidades (supostas bíblicas) retratadas.

Devido às péssimas condições de vida e ao desconhecimento de noções de higiene, associadas às constantes guerras, as populações medievais eram submetidas a freqüentes surtos de doenças que dizimavam quase completamente os habitantes de grandes áreas. A peste bubônica e a cólera eram freqüentes. O monge de Cluny, Raoul Glaber, narra numa linguagem vívida os horrores de uma destas epidemias ocorrida entre 1032 e 1034:



O autor citado em sua obra narra que ... “A fome estendeu de tal forma sua destruição que se poderia acreditar no desaparecimento de todo o gênero humano”... e , adiante : “as chuvas incessantes embeberam a terra de tal modo que durante três anos não foi possível abrir sulcos capazes de receber sementes. E, no tempo da colheita, toda a superfície dos campos fora recoberta por ervas daninhas. Durante este período, depois de consumirem pássaros e



Operários trabalham na construção de uma igreja sob as ordens do imperador Carlos Magno



Monges trabalhando em sua biblioteca. Gravura de uma edição de 1494 do livro *Diálogos sobre o poder dos imperadores e dos Pontífices*, de Guilherme de Ocham.

*animais selvagens, os homens passaram a reco-
lher, transtornados pela fome, toda a espécie de
carniças e coisas terríveis de se dizer... Viajantes
incautos eram assaltados por homens mais
robustos, que lhes mutilavam os membros, co-
ziam-nos e os devoravam. Muitas pessoas que
migravam a fim de fugir do flagelo, ao encon-
trar hospitalidade eram assassinadas e serviam
de alimento aos que as haviam acolhido.” (Histó-
ria das Civilizações, Abril, Vol II, 1975.)*

Não é de admirar que, não tendo explicações para suas continuadas calamidades, as pessoas apelassem para superstições, encarando todo evento maléfico como castigo divino, que só poderia ser sustido através de expiações.



Atos de penitência, procissões, roma-
rias e cultos místicos desenvolviam-se,
criava-se um santo para cada ocorrên-
cia da vida, numa necessidade frenética
de proteção e orientação.

Acresciam-se às penas do mundo físico as ameaças de condenação ao eterno fogo do inferno que pairava sobre o pecador impenitente, o que dava margem ao desenvolvimento de fanatismos extremados, em paralelo com uma busca desenfreada de soluções mágicas para seus problemas.

Foi dentro desse contexto socio-cultural que surgiram as corporações operativas, coordenando as relações de trabalho e ensino-aprendizagem profissional no continente europeu por vários séculos.

Bem, vimos então nesta aula os principais fatos que marcaram a história inicial da maçonaria, os diferentes significados da palavra e sua origem a partir da cultura medieval. Na continuidade discutiremos as corporações operativas como origem da maçonaria e a configuração da maçonaria atual como mutação da Operativa.